

DISCURSO CITADO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS SOBRE O PISA

Adriana Santos Batista

Introdução

O interesse jornalístico por temas educacionais não é recente; em pesquisa sobre os textos publicados no jornal *A província de São Paulo* entre 1875 e 1889, Mário Ferreira de Castro (1997) indica que, com relação à educação, eles tratavam de assuntos como: obrigatoriedade do ensino na província, crítica à instrução pública na monarquia, baixos salários dos professores, dificuldades enfrentadas pelos mais pobres para educar seus filhos, precariedade do ensino, insuficiência das reformas realizadas etc. (CASTRO, 1997, p. 96-7). Tendência a aspectos negativos que permanece nos textos publicados atualmente.

Em jornais e revistas destinados a um público amplo, numerosos são os textos que se propõem a discutir educação. De acordo com Gisela Maria do Val (2011):

Em pesquisa realizada no arquivo *on-line* do jornal *Folha de São Paulo*, constatamos que, em 1994, foram publicados 727 artigos em que a educação compunha o tema e a ideia defendida pelo texto; já em 1997, a marca chegou a 3350, evidenciando um aumento de aproximadamente 460%. (VAL, 2011, p. 16)

O levantamento efetuado indica o significativo aumento no número de textos que abordam a educação num pequeno intervalo de tempo; há que se considerar, entretanto, que nesse período houve alguns acontecimentos importantes no cenário educacional brasileiro, como a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no fim de 1996 e a dos primeiros volumes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). De 1996 a 2006, período que constitui o recorte tem-

poral de Gisela Maria do Val, a pesquisadora constatou que os principais assuntos tratados pelos textos jornalísticos acerca da educação foram:

1) a educação como a principal solução para os problemas de desenvolvimento do país e de bem-estar da população; 2) a formação do professor; 3) a questão da avaliação; 4) o problema da qualidade; 5) a violência e 6) a dicotomia entre a educação pública e a privada. (VAL, 2011, p. 44)

Paralelamente, em 1997, no Seminário Internacional sobre Avaliação Escolar, o jornalista Demócrito Rocha Dummar (1998) expôs sua visão quanto à necessidade de os meios de comunicação atentarem para as novas pautas relacionadas à educação, principalmente para as avaliações: “É preciso tirar esse assunto dos círculos de especialistas e levá-los a todos os pais, alunos, amigos da educação, diretores e professores das escolas públicas e particulares. Avaliar é preciso” (1998, p. 160). Poucos anos depois, “a questão da avaliação” já figura entre os temas mais discutidos, fato que provavelmente tem como um dos motivos a disseminação de exames em larga escala, como, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Quando se observam os resultados da pesquisa *A educação na imprensa brasileira*, realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e pelo Ministério da Educação (MEC), com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicada em 2005, vê-se que eles indicam uma queda no percentual relacionado ao espaço que textos relacionados a avaliações e financiamento estudantil tiveram comparando-se 1999 e 2005; no caso da avaliação como tema, a mudança foi de 17,5% para 6,3%. A respeito, diz-se que:

Como os instrumentos de avaliação do ensino estavam sendo fortemente debatidos e implementados pela gestão Paulo Renato Souza, a queda parece passível de explicação – ainda que não seja razoável, dado que, hoje, tais instrumentos, mesmo com mu-

danças, fazem parte da cultura do processo educacional brasileiro. Paralelamente, é possível salientar que os profissionais da notícia estão fazendo pouco uso da enorme quantidade de informações e, portanto, de potenciais reflexões, que são geradas por estes sistemas de avaliação (p. 41).

A crítica não se refere somente à diminuição desse tema em relação a outros, mas ao uso limitado dos dados quantitativos oferecidos pelos testes. Nesse ponto reside uma das especificidades dos textos que objetivam abordar resultados de avaliações externas: eles têm à disposição uma série de dados previamente tabulados, geralmente, por equipes especializadas em aspectos educacionais e estatísticos. Com essas informações, tem-se um ponto de partida proveniente, não raro, de instituições organizadoras que gozam de prestígio social; assim, não se parte do zero para a elaboração do texto.

Tal aspecto torna-se paradoxal na medida em que a profusão de informações oficiais tidas como confiáveis pode conduzir a uma abordagem jornalística monofônica, que se concentre em recontar os resultados a um público mais amplo em detrimento à problematização destes e, por extensão, das avaliações. Assim, dentre os temas educacionais passíveis de serem abordados em textos jornalísticos, o debate acerca das avaliações externas materializado nos textos constitui-se objeto privilegiado para a observação de como o meio de comunicação vale-se de palavras de terceiros e em que medida outras vozes, que não a do próprio exame, são articuladas. Sob esse viés, o principal objetivo deste capítulo é analisar, à luz das discussões do Círculo de Bakhtin e de outros teóricos que discutiram sobre esse processo, quais são as fontes inseridas em textos jornalísticos sobre avaliações externas e como elas integram-se a eles.

Definiram-se como *corpus* de análise textos que têm como foco a discussão de avaliações externas, mais especificamente do Programa Internacional de Avaliação de Estudan-

tes (PISA)¹ de 2009. Os textos a serem analisados são provenientes da versão impressa do jornal *Folha de S. Paulo* e foram publicados em 2010 devido ao tempo necessário para correção, tabulação, análise e divulgação dos relatórios oficiais.

O PISA é o programa de avaliação coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que avalia em Leitura, Matemática e Ciências estudantes de quinze anos de mais de setenta países. Segundo o *síte* da OCDE:

Lançado em 1997 pela OCDE, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é um estudo internacional que objetiva avaliar os sistemas educacionais ao redor do mundo por meio de testes de habilidades e conhecimentos aplicados a jovens de 15 anos. Até o momento, estudantes de mais de 70 países já participaram dessa avaliação. Desde o ano 2000, a cada três anos, um grupo de estudantes de 15 anos, selecionado aleatoriamente, realiza testes nas seguintes áreas: leitura, matemática e ciências, com foco em uma área específica em cada edição da avaliação.

O teste, que ocorre a cada três anos, não é aplicado à totalidade de estudantes de quinze anos dos países participantes, trata-se de uma amostragem que se pretende ser representativa das diferentes variáveis que podem interferir nas habilidades demonstradas pelos alunos. A idade padrão para realização do exame tem relação com a premissa de que, na maioria dos países participantes, ao atingir os quinze anos, o aluno já concluiu

¹ A sigla tem como base a nomeação em inglês Programme for International Student Assessment.

¹ Tradução livre de "Launched in 1997 by the OECD, the Programme for International Student Assessment (PISA) is an international study which aims to evaluate education systems worldwide by testing the skills and knowledge of 15-year-old students. To date, students representing more than 70 countries and economies have participated in the assessment. Since the year 2000, every three years, a randomly selected group of fifteen-year-olds take tests in the key subjects: reading, mathematics and science, with focus given to one subject in each year of assessment."

o período de escolarização obrigatória ou está prestes a terminá-lo. Trata-se de um exame em que se objetiva observar o aprendizado por gerações, isso implica na escolha de uma faixa etária para realização dos testes e pode envolver até mesmo os alunos que não chegaram a cursar determinada etapa de escolarização, foram reprovados ou ficaram fora da escola por algum período (FERNANDES, 2007).

Outra possibilidade, para além da organização dos exames por gerações, é avaliar estudantes que chegam ao final de um ciclo de aprendizagem. Esse é o princípio da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc), mais conhecida como Prova Brasil, avaliação aplicada a cada dois anos a estudantes da educação básica do 5º e do 9º ano. Os resultados da prova, que avalia conhecimentos em português e matemática, integram o Ideb, que leva em conta: a) fluxo (taxas de aprovação, retenção e evasão) e b) resultados obtidos em avaliações.

Para a análise de como as notícias têm inserido o discurso citado ao abordarem essas avaliações, numa perspectiva não somente lingüística, mas também considerando as características sociais daqueles que têm seu discurso inserido, são tomadas como base, principalmente, as discussões elaboradas pelo Círculo de Bakhtin, apresentadas a seguir.

Aproximações teóricas

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Mikhail Mikhailovich Bakhtin discorre sobre as bases para uma filosofia da linguagem de base materialista, criticando modelos de estudo linguístico então vigentes, a saber: o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista². O ponto central de suas discussões é pensar em possibilidades de análise que levem em considera-

² Em alguns capítulos, a corrente é denominada como subjetivismo individualista, como, por exemplo, o capítulo 6, "A interação verbal".

ção o caráter ideológico dos signos, que, não somente refletem, mas também refratam a realidade (BAKHTIN, 2010, p. 31).

Segundo essa perspectiva, é necessário considerar que a ideologia materializada nos signos se relaciona diretamente à estrutura de produção de uma dada sociedade (infraestrutura), que, por sua vez, determina as esferas ligadas à cultura, linguagem etc. (superestruturas). O desafio do pesquisador que segue por essa perspectiva é desenvolver suas análises sem que elas caiam no equívoco da causalidade mecanicista, ou seja, na crença de que toda mudança na estrutura econômica culminará necessariamente em uma alteração na estrutura da língua.

Os capítulos das duas primeiras partes do livro apresentam as bases teóricas para a aplicação dessa perspectiva no estudo de aspectos sintáticos, mais especificamente, no discurso de outrem ou discurso citado. Para o círculo, “O discurso citado é o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*” (BAKHTIN, 2010, p. 150). Os contextos em que se evidenciam o uso de palavras de terceiros são centrais para a perspectiva defendida, pois eles materializam um processo inerente à linguagem, que é a interação verbal. No capítulo que trata especificamente desse conceito, lê-se que:

Na realidade toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação *ao outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2010, p. 117)

Essa relação entre um *eu* e um *tu* inerente à palavra, no caso do discurso citado, exige a consideração de que ela não parte exclusivamente de um único locutor ou que a materialização da trama locutor *versus* ouvinte, é infinita. Dessa forma, um texto, oral ou escrito, em que se verifique a inserção de palavras de terceiros, pressupõe uma relação anterior entre outros locutores e interlocutores, em que essas tenham sido proferidas. Tal aspecto sintático mostra-se, portanto, lugar privilegiado para pensar no dialogismo, abordado em trabalhos posteriores do círculo.

As formas de inserção do discurso citado indicam de que maneira o locutor se relaciona com as palavras de terceiros e com outras enunciações, processo que se evidencia estruturalmente. Tendo como base obras literárias, predominantemente russas, alemãs e francesas, Mikhail Mikhailovich Bakhtin discorre sobre os esquemas e as principais variantes do discurso citado, segundo ele:

O esquema só se realiza sob a forma de uma variante específica. É nas variantes que se acumulam as mudanças, no curso dos séculos e dos decênios, e que se estabilizam os novos hábitos da orientação ativa em relação ao discurso de outrem, os quais se fixam em seguida sob a forma de representações linguísticas duráveis nos esquemas sintáticos. As variantes se encontram na fronteira da gramática e da estilística. (BAKHTIN, 2010, p. 161)

Tal concepção compreende os esquemas como estruturas relativamente estáveis que se materializam e se alteram por meio de variantes. Nessa perspectiva, concebem-se os discursos indireto, direto e indireto livre como esquemas. O primeiro pode se manifestar pelas variantes analisadora do conteúdo, analisadora da expressão e impressionista; ao passo que o segundo, considerando somente os casos em que há um “contágio recíproco entre o discurso narrativo e o discurso citado” (BAKHTIN, 2010, p. 171-172), como preparado, esvaziado, antecipado, retórico e substituído.

No que diz respeito ao discurso indireto livre, não são

apresentadas variantes, mas diferentes concepções teóricas com vistas à demonstração de que não se trata de uma forma híbrida decorrente dos outros dois esquemas.

Para além das classificações, a teorização apresentada parte da observação das relações estabelecidas entre o discurso citado e o discurso narrativo, ou seja, das negociações existentes para que se insiram palavras de terceiros em um dado discurso. Por meio dessa perspectiva, tem-se como foco não somente o discurso citado, mas as modificações recíprocas que sua presença implica.

Embora as análises do círculo tenham se concentrado em textos literários, é possível valer-se delas para o exame de outras esferas em que a linguagem se manifesta, como sugere o seguinte trecho a seguir:

A palavra categórica, a palavra “assumida”, a palavra *asser-tiva* só existe nos contextos científicos. Em todas as outras áreas da criação verbal, é a ficção que domina e não mais a asserção. Toda a atividade verbal consiste, então, em distribuir a “palavra de outrem” e a “palavra que parece ser a de outrem”. (BAKH-TIN, 2010, p. 203)

Seu conteúdo pressupõe que, assim como no romance, nos demais contextos de criação verbal, há um jogo entre a palavra do locutor e a palavra do outro, de modo que ambas se relacionam com fronteiras mais ou menos nítidas. No caso da esfera jornalística, as palavras de terceiros são condição fundamental para que os textos possam ser escritos. Esse tipo de apoio no já dito é característica intrínseca aos gêneros jornalísticos, principalmente os que são comumente denominados informativos, como notícias e reportagens; segundo Elena Méndez García de Paredes (2000):

O discurso de informação jornalística, mais que qualquer outro gênero discursivo, está continuamente atravessado pelo *já dito*, já que a maior parte dos materiais dos quais se nutre a informação se insere desde sua origem em forma discursiva, como palavra do outro, e este, precisamente, é uma característica ine-

rente à sua constituição textual [...]. (PAREDES, 2000, p. 2081)³

O já-dito, que atravessa qualquer produção discursiva, no caso dos textos jornalísticos, é o ponto de apoio necessário para uma pretensa transmissão de informações. Fala-se a partir de pontos de vista, cujas fontes podem ou não ser expressas.

Para além das especificidades do jornalismo, os fenômenos de dupla enunciação, que incluem a inserção de palavras de terceiros em um enunciado, são uma temática bastante discutida, inclusive na educação básica, geralmente tomando os três esquemas discutidos pelo Círculo de Bakhtin como as únicas possibilidades de ocorrência. Jacqueline Authier-Revuz, teórica que se concentra em fenômenos da enunciação retomando estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Pêcheux, faz essa observação ao apontar a insuficiência dessa abordagem:

De modo tradicional e ainda hoje frequentemente, nas gramáticas, o campo do discurso relatado, ou seja, os modos de representação no discurso de um discurso outro, tem sido limitadamente exposto de três formas: o discurso direto, o indireto e o indireto livre, apresentados como uma espécie de progressão [...] (1998, p. 133).

Nessa perspectiva, que lida com as três possibilidades como não passíveis de variação e mais ligada à possibilidade de classificação, o que determina a maneira como as palavras do outro se inserem é sua separação ou não das do locutor e a manutenção ou não da forma original como algo foi dito (ou uma representação disso). Para os estudos discursivos, entretanto, o exame das maneiras e implicações de introduzir discursos outros possui especificidades que ultrapassam a catego-

³ Tradução livre de *“El discurso de información periodística, más que cualquier otro género discursivo, está continuamente atravesado por lo ya dicho, dado que la mayor parte de los materiales de los que se nutre la información entra desde el origen en forma discursiva, como palabra de otro, y este, precisamente, es un rasgo inerte a su conformación textual [...]”* (PAREDES, 2000, p. 2081).

rização e recaem sobre aspectos como as ideologias subjacentes à escolha da voz citada, as formas de introdução, os limites da paráfrase etc.

A insuficiência dessa tríade também se coloca na conceituação da heterogeneidade mostrada, na medida em que ela não recobre todas as possibilidades pelas quais o discurso do outro pode se materializar de forma explícita, excluindo, por exemplo, o discurso direto livre e a modalização em discurso segundo. Para embasar essa crítica, Jacqueline Authier-Revuz fundamenta-se nos conceitos de dialogismo e interdiscurso, respectivamente de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Pêcheux (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 135).

Avaliações em pauta

Para os textos jornalísticos, tomando-os como uma possibilidade de contexto narrativo, o discurso citado pode, ao menos declaradamente, mostrar-se como uma estratégia para transmitir objetividade, pluralidade de pontos de vista e veracidade nas informações transmitidas. Em alguns casos, como na abordagem dos resultados de avaliações externas, a indicação das informações contidas nos relatórios divulgados pelas instituições organizadoras caracteriza-se como informação imprescindível para o desenvolvimento do texto.

Como base para as análises, serão discutidos não somente os textos publicados pelo jornal, mas a forma como se inserem na página e sua relação com os demais elementos presentes. Para tanto, segue uma reprodução de uma página do caderno *Cotidiano*, seção *Saber*, inteiramente dedicada à abordagem dos resultados do PISA:

saber



Paulo Quadramani, no lançamento dos livros de alunos da Curitiba School.

FABIANA REINALDO
em São Paulo

Atenção pais e professores: a internet ajuda a melhorar o desempenho em leitura. A consultoria do Pisa, exame internacional que avalia as habilidades em leitura, matemática e ciências de estudantes na faixa dos 15 anos.

É claro que o conteúdo não se refere ao folheto no Facebook, mas aos artigos na rede. Mas, arduamente como ler e-mails e notícias, participar de grupos de discussão, usar dispositivos e fazer pesquisas são citadas como benéficas.

Luciano Almeida, superintendente do Instituto Crescer Criança, lembra características da internet que favorecem a leitura. "Ter acesso a informações de diferentes fontes, poder comparar fontes e investigar em uma discussão faz com que você tenha uma maior apropriação da informação e seja um leitor mais crítico."

O Pisa, que é organizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), compara o desempenho em leitura dos alunos que leem menos on-line com os que leem mais. Os resultados mostram a conexão que o hábito de ler na internet tem com o aumento do desempenho em leitura.

livro ABERTO

Alunos que leem mais e de modo diversificado na internet têm melhor desempenho em leitura

LEITURA ON-LINE E DESEMPENHO EM LEITURA
O hábito de ler na internet explica 8% do aumento da nota dos alunos brasileiros.

Notas em leitura

	8% que lêem mais on-line	21% que não lêem on-line
BRASIL	372	359
OCDE	468	455

Nota de 0 a 500. Fonte: Pisa 2006

mente, essa deve ser a única fonte de leitura ou, pelo menos, de leitura prazerosa e a conexão à internet acaba melhorando as habilidades de leitura conscientizada."

Simone André, do Instituto Ayrton Senna, diz acreditar que, na rede, "como o aluno tem uma finalização definida para sua leitura, isso facilita o entendimento."

Cláudio Barros, professor de Francês em Curitiba, pensa diferente. Para ele, a internet melhora a velocidade da leitura, mas não a interpretação. Outra defensora da leitura, professora do Insituto Maria (zona sul), não se dá por convencida. "A lanterna do MSN ou do e-mail que chegou vindo de alguém, é invável ao uso da tecnologia. Sempre com a visão de que a internet espelha a leitura", diz José-Roy Lourenço, coordenador de português do Santo Américo e do Augusto Leuzinger (zona sul).

VERBAUAS
Professora da Curitiba School (Grande SP), Luis Henrique Jurquetta achou um modo de usar a tecnologia para estimular a produção de textos.

Cada aluno do 7º ano produz um livro. Os capítulos foram corrigidos, em vídeo-aulas, enviadas por e-mail ou melhor em post-its, lançando a gravação explicativa de como melhorar cada trecho. Ao mesmo tempo em que o aluno lê a tela as marcações foram feitas.

"Cada aluno tem seu ritmo. Com a videoaula, ele pode ouvir e ler de novo."

No caso de Cristiana Lembre, 17, a internet foi o ponto de partida para aquela publicação, aos 16 anos, o livro "A Última Ligarão". Aos 15, a estudante começou a escrever em um site sobre o trabalho Harry Potter, duas histórias chegaram a ter 2.000 leitores. "O aspecto que me dá maior prazer é receber comentários."

“ Nem precisaria fazer uma pesquisa para mostrar isso. Na internet, os alunos aprendem para que serve escrever ”

UMA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE PORTUGUÊS E COORDENADORA DE PORTUGUÊS DA CURITIBA SCHOOL

SAIBA MAIS

1 Que é o Pisa?
Um exame que avalia a cada três anos alunos de 15 anos de países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico e Brasil).

2 Que é a avaliação específica em cada estilo de uma área, matemática, escrita, arte e leitura.

3 Quem organiza e aplica a prova?
A prova é organizada pela OCDE e aplicada por países membros.

Fonte: Pisa 2006 (www.oecd.org)



Cristiana Lembre publicou o seu primeiro livro aos 16 anos

Brasileiros estão entre os que mais se queixam de indisciplina

DE SÃO PAULO

Não são só os professores que reclamam da indisciplina dos alunos. Questionados pelo Pisa, os próprios estudantes apontaram problemas em suas salas de aula.

Entre os brasileiros participantes da pesquisa (cerca de 30 mil), 60% dizem que suas classes são barulhentas e tumultuadas. A porcentagem é maior do que a média de 52% registrada pelos países da OCDE (organização de nações desenvolvidas).

"A escola passou a ser um local onde tudo é permitido", diz Hebe Felosa, presidente da Apasm (Associação de Pais e Alunos das Escolas do Estado de São Paulo).

Jaé Martins Meilho Meira, doutora em psicologia escolar, diz que a maioria dos casos de indisciplina começa quando parte dos alunos não consegue fazer as atividades propostas pelos docentes.

"A professora perde que os alunos estão com um fôlego. E o que poderiam fazer as crianças que não sabem escrever? Essa é a hora em que começa a agitação", exemplifica ela, citando uma observação que faz parte de um trabalho da Unesp (Universidade Estadual Paulista) em escolas municipais de Baurax (329 km de SP).

PERGUNTA DO LEITOR

Por que o material didático é mais comum em escolas construtivistas?

Resposta: O material didático elaborado por Maria Montessori para uso com crianças deficientes entendido às outras, com base na crença de que não há aprendizado dos conceitos matemáticos sem o uso do material concreto. Mais pesquisas mais recentes apontam outros direções.

MAIRA VIEIRA MARQUES DE MELLO, 30, é professora de matemática em São Paulo. Manda suas dúvidas para pergunta@folha.com.br

Pueri Domus.
A primeira escola de origem **100% brasileira** a oferecer o Programa IB Diploma.

O mundo precisa de cidadãos que compreendam o mundo. O Pueri Domus está fazendo a sua parte.

O IB Diploma é um programa internacional bilíngue incorporado ao Ensino Médio que traz as melhores práticas pedagógicas de vários países. Alarga o desempenho do aluno, trazendo a ele o prazer que o mundo oferece e a globalização intercultural e o alto grau de autonomia. Estudantes do programa IB têm excelentes taxas de aceitação nas melhores universidades do mundo.

Somente em Curitiba/Paraná/Brasil
Rua Verbo Divino, 99A
Chacara Santa Antonia
ML 352-222 www.pueridomus.com.br

Escola Pueri Domus
Curitiba, para educar.

Figura 1: Página 7 do caderno Cotidiano, Folha de S. Paulo, de 13 de dezembro de 2010

A página apresenta diferentes textos que se relacionam aos resultados do PISA em leitura, dados divulgados pelo jornal cinco dias antes. Em termos de disposição gráfica, há a fotografia de uma estudante observando um livro aberto em suas mãos, imagem que ocupa cerca de um terço do espaço; logo abaixo, segue o título do texto principal, “Livro aberto”, que faz alusão à figura da menina com o livro; aos resultados dos estudantes brasileiros em leitura; ao acesso à leitura entre os jovens; à jovem escritora disposta na fotografia menor mais abaixo; e à própria divulgação do desempenho dos participantes do teste, dado que essa expressão liga-se também à clareza de informações.

O uso de livro aberto como metáfora geral indica que as relações estabelecidas no texto principal não se encerram em si, mas estendem-se aos demais itens da página, numa relação análoga à de um diálogo. Além de se remeterem aos elementos materializados nesse suporte, deve-se considerar também o fato de ser o livro um objeto valorizado socialmente, ao qual se ligam características tidas como positivas, tais como acesso ao conhecimento, cultura, *status* etc. Tomando como base os postulados de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, acerca da necessidade de se pensar o caráter social dos signos ideológicos, deve-se observar que eles não se constroem individualmente, mas a partir da relação entre consciências individuais, assim “os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (2010, p. 34). Segundo ele, esse grupo de objetos valorizados liga-se intrinsecamente ao contexto histórico-social em questão:

A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. Só este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos (BAKHTIN, 2010, p. 46).

O livro, entendido como um objeto valorizado no contexto de circulação da *Folha de S. Paulo* e capaz de se ligar a características tidas como positivas socialmente, dialoga também com a propaganda disposta no fim da página, da Escola Pueri Domus. Quando se tem em mente que a proposta apresentada por Mikhail Mikhailovich Bakhtin busca modos de compreender a determinação da infraestrutura sobre as superestruturas, sem que se recorra à explicação por meio da causalidade mecanicista⁴, observa-se que essas relações criadas em torno do livro têm como base os discursos relacionados às possibilidades de ascensão social por meio da leitura e do saber, cuja base está na infraestrutura. O texto presente na propaganda pretende evidenciar o sucesso alcançado pelos estudantes que, não apenas são alunos da escola, mas participam do programa IB diploma: “Estudantes do programa IB têm elevadas taxas de aceitação nas melhores universidades do mundo”. A remissão a essas universidades conduz aos índices em leitura dos países que integram a OCDE, cujos resultados são apontados como mais expressivos que os do Brasil.

Assim, há em torno das relações construídas pela figura do livro aberto a ligação a perspectivas de sucesso profissional por meio da leitura, oferecidas, principalmente pela educação privada. A esse respeito, associa-se também a fotografia da estudante, que ocupa quase um terço da página, ser de uma aluna “da Castanheiras”, como indica a legenda: “Paola Quadrante, no lançamento dos livros de alunos da Castanheiras”; escola

⁴ Tal discussão materializa-se principalmente no capítulo 2, “A relação entre a infraestrutura e as superestruturas”. Nele, Bakhtin discute a determinação da infraestrutura, ou seja, a organização econômica das sociedades, sobre as superestruturas, em especial a linguagem. Para tanto, busca um modelo que se oponha às explicações por meio da causalidade mecanicista, perspectiva insuficiente dada a “diferença quantitativa entre as esferas de influência recíproca” (p. 40). Ao abordar a análise do romance, o autor argumenta em prol de se levar em consideração não somente sua relação com a infra-estrutura, mas também com a própria “estrutura da obra romanesca” (p. 41).

cuja descrição da atividade que consistiu na elaboração de livros mediante interação virtual entre professor e alunos ocupou uma coluna inteira do texto. Considerar, pois, o livro e, por extensão a educação, como signos ideológicos, pressupõe observar sua dependência do contexto econômico do grupo em questão; as seguintes observações de Mikhail Mikhailovich Bakhtin podem auxiliar na construção dessa posição:

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material (BAKHTIN, 2010, p. 46).

A partir desse posicionamento, pretende-se destacar a ancoragem desta pesquisa no postulado de Mikhail Mikhailovich Bakhtin segundo o qual a infraestrutura é determinante para a configuração das superestruturas e a palavra é lugar privilegiado para se observar essa relação. No caso específico destas análises, trata-se de compreender os fatores econômicos como determinantes do modo como são apresentados os resultados das avaliações externas e a própria configuração das vozes presentes.

A seguir, dispõe-se na íntegra a notícia “Livro aberto” para que se possam discutir o modo como o discurso citado é inserido:

Livro aberto

Alunos que leem mais e de modo diversificado na internet têm desempenho melhor em leitura

Fabiana Rewald, de São Paulo

Atenção pais e professores: a internet ajuda a melhorar o desempenho em leitura. A conclusão é do PISA, exame internacional que avalia as habilidades em leitura, matemática e ciências

de estudantes na faixa dos 15 anos.

É claro que o estudo não se refere às fofocas no Facebook nem aos jogos na rede. Mas atividades como ler e-mails e notícias, participar de grupos de discussão, usar dicionários e fazer pesquisas são citadas como benéficas.

Luciana Allan, superintendente do Instituto Crescer, lembra características da internet que fazem a diferença. "Ter acesso a informações de diferentes fontes, poder comparar ideias e interagir em uma discussão faz com que você tenha uma maior apropriação da informação e seja um leitor mais crítico."

O PISA, que é organizado pela OCDE (países desenvolvidos), comparou o desempenho em leitura dos alunos que leem menos on-line com os que leem mais (e leem material variado) e concluiu que o hábito de ler na internet explica 8% do aumento da nota dos alunos brasileiros. Na média dos países da OCDE, esse valor é de 3%.

"Provavelmente, isso acontece porque, nos países da OCDE, o acesso à leitura por diferentes meios é muito fácil e intenso. Portanto, ler na internet não faz diferença", diz Betina von Staa, coordenadora de pesquisas da Positivo Informática.

"No Brasil, para muitos jovens, essa deve ser a única fonte de leitura ou, pelo menos, de leitura prazerosa -e o acesso à internet acaba melhorando as habilidades de leitura como um todo."

Simone André, do Instituto Ayrton Senna, diz acreditar que, na rede, como o aluno tem uma finalidade definida para sua leitura, isso facilita a compreensão.

Já Cláudio Baron, professor do Franscarmo (zona leste), pensa diferente. Para ele, a internet melhora a velocidade da leitura, mas não a interpretação. Outra desvantagem, diz Adriano Silva dos Santos, professor do Santa Maria (zona sul), são as distrações. "As janelinhas do MSN ou do e-mail que chegou vão tirando a atenção."

A maioria dos educadores ouvidos, no entanto, é favorável ao uso da tecnologia. "Sempre combati a visão de que a internet empobrece a leitura", diz José Ruy Lozano, coordenador de português do Santo Américo e do Augusto Laranja (zona sul).

VIDEOAULAS

Professor da Castanheiras (Grande SP), Luis Henrique Junqueira achou um modo de usar a tecnologia para estimular a produção de textos.

Cada aluno do 6º ano produziu um livro. Os capítulos foram corrigidos em videoaulas, enviadas por e-mail ou salvas em pen drive. Junqueira gravava explicações de como melhorar cada trecho. Ao mesmo tempo em que ouvia a voz do professor, o aluno via na tela as marcações feitas no texto.

"Cada aluno tem seu ritmo. Com a videoaula, ele pode ouvir e ler de novo."

No caso de Cristiana Lembo, 17, a internet foi o ponto de partida para que ela publicasse, aos 16 anos, o livro "A Última Lágrima". Aos 13, a estudante começou a escrever em um site sobre o bruxinho Harry Potter. Suas histórias chegaram a ter 2.000 leitores. "O apoio que recebi na internet me deu confiança."

"Nem precisaria haver uma pesquisa para mostrar isso. Na internet, os alunos aprendem para que serve escrever"

LUCA RISCHBIETER

consultor de tecnologia educacional da Positivo Informática

Com relação aos sujeitos empíricos materializados no texto como fontes e que têm enunciados inseridos na notícia, os que se mostram presentes encontram-se no quadro a seguir. Também são dispostas informações com relação ao tipo de discurso citado; para tanto, utilizam-se os esquemas propostos por Mikhail Mikhailovich Bakhtin e as variantes somente no caso do discurso indireto, dado que, para o direto, as apresentadas dizem respeito aos casos em literatura russa em que há uma interferência entre o discurso narrativo e o discurso citado:

Sujeito empírico	Cargo	Instituição	Discurso citado
Luciana Allan	Superintendente	Instituto Crescer	DD com antecipação do conteúdo e verbo <i>dicendi</i> “lembrar”
Betina von Staa	Coordenadora de pesquisa	Positivo Informática	DD com verbo <i>dicendi</i> “dizer”
Luca Rischbieter	Consultor de tecnologia educacional		DD sem verbo <i>dicendi</i>
Simone André	Não informado	Instituto Ayrton Senna	DI analisador do conteúdo com verbo <i>dicendi</i> “dizer”
Cláudio Baron	Professor	Escola privada Francarmo	DI analisador do conteúdo com verbo <i>dicendi</i> “pensar”
Adriano Silva dos Santos	Professor	Escola privada Santa Maria	DD com antecipação do conteúdo e verbo <i>dicendi</i> “lembrar”
José Ruy Lozano	Coordenador de Português	Escola privada Santo Américo	DD com antecipação de conteúdo e verbo <i>dicendi</i> “dizer”
		Escola privada Augusto Laranja	
Luiz Henrique Junqueira	Professor	Escola privada Castanheiras	DD com antecipação do conteúdo e sem verbo <i>dicendi</i>
Cristiana Lembo	Estudante	-	DD com antecipação do conteúdo e sem verbo <i>dicendi</i>

Quadro 1: Fontes presentes em “Livro aberto”, texto sobre o PISA, de 13 de dezembro de 2010

O quadro, que apresenta as fontes selecionadas para compor a notícia, aponta para o destaque dado às escolas particulares, aos institutos e à Positivo Informática; no decorrer do texto, são citadas cinco escolas, representadas por meio de seus professores ou coordenadores. A exclusão das escolas públicas do debate, em oposição à exaltação do trabalho desenvolvido na rede privada, coloca em evidência os diferentes valores socialmente atribuídos às duas esferas, reforçados e materializados pelo jornal.

Assim como ocorre com as instituições privadas, a inserção de opiniões advindas de representantes de institutos e de uma empresa de informática contribui para a construção de um imaginário que os coloca na posição de autoridade sobre o assunto. Observe-se que, pelo menos no texto principal, não há a perspectiva da universidade, que poderia ser indicada por meio de livros, pesquisas ou do depoimento de professores. Tal estratégia, passível de ser entendida como publicitária, fundamenta-se no prestígio atribuído socialmente a essas instituições e em seu poder econômico; dessa forma, sua presença no texto acaba por intensificar essas duas características, construindo um círculo vicioso.

Com relação aos modos de inserção do discurso citado, observa-se que todas as fontes são nomeadas e categorizadas com informações referentes à sua atuação profissional. Os enunciados delas provenientes materializam-se predominantemente por meio do discurso direto marcado com aspas e pela antecipação do conteúdo a ser proferido já no discurso narrativo. Nos casos em que há o discurso indireto, a variante predominante é a analisadora do conteúdo.

Em “Livro aberto”, há dois trechos atribuídos diretamente ao PISA: nos primeiros parágrafos e na tabela, conforme segue:

Atenção pais e professores: a internet ajuda a melhorar o desempenho em leitura. A conclusão é do Pisa, exame internacional que avalia as habilidades em leitura, matemática e ciências de estudantes na faixa dos 15 anos.

É claro que o estudo não se refere às fofocas no Facebook nem aos jogos na rede. Mas atividades como ler e-mails e notícias, participar de grupos de discussão, usar dicionários e fazer pesquisas são citadas como benéficas.

(Dois primeiros parágrafos de Livro aberto, notícia sobre o PISA, de 13 de dezembro de 2010)



(Tabela de Livro aberto, notícia sobre o PISA, de 13 de dezembro de 2010)

No primeiro parágrafo, há a indicação de uma conclusão atribuída ao teste: “a internet ajuda a melhorar o desempenho em leitura”. Na tabela, são os índices, denominados como “notas em leitura”, que constituem a informação advinda dos resultados do exame. Tem-se, pois, a voz do PISA materializada, porém não exatamente sob as formas mais conhecidas de discurso citado. Para sua análise, são úteis as observações de Elena Méndez García de Paredes (2000), segundo a qual, no caso dos textos jornalísticos, é necessário distinguir as funções relacionadas à inserção das palavras do outro, o que culmina em duas possibilidades: os discursos que são fonte informativa para as notícias e os que são notícias. A disposição de informações atribuídas aos resultados do PISA, sob essa perspectiva, parece pertencer ao segundo grupo, definido como:

No segundo caso, *discursos que são notícia*, o que os outros dizem é tema e fundamento do discurso do jornalista. Aqui os atos de fala alheios constituem a informação jornalística: atividades parlamentares, congressos políticos, declarações de personagens de relevância política, cultural, social etc. (PAREDES, 2000, p. 2083)⁵

⁵ Tradução livre de “En el segundo caso, *discursos que son noticia*, lo que dicen otros es tema y fundamento del discurso del periodista. Aquí la información periodística la conforman ya los actos de habla ajenos: actividades parlamentarias, congresos políticos, declaraciones de personajes de relevancia política, cultural, social etc.” (PAREDES, 2000, p. 2083).

Posto que os dados anunciados, declaradamente atribuídos ao PISA, são a essência da notícia, as outras vozes presentes colaboram como fonte informativa, por meio das quais se procura recobrir diferentes esferas envolvidas mediante seu posicionamento. Mesmo sendo fundamentais para a construção da notícia, as informações que se atribuem aos resultados do exame são bastante imprecisas. O relatório *Resultados nacionais PISA 2009*, no que se refere à leitura, apresenta: dados gerais em comparação a outros países; distribuição por país segundo os níveis de proficiência; relação da média a índices socioeconômicos e culturais do país; dados sobre fluxo escolar, médias por região e Estado etc. Há também uma seção dedicada à análise dos questionários respondidos pelos jovens; com relação à leitura *on-line*, foram apresentados os seguintes resultados nas páginas 114 e 115:

QUESTÃO 25 – Frequência dedicada a atividades de leitura eletrônica
(continua)

Respostas	Não sei do que se trata	Nunca ou quase nunca	Várias vezes por mês	Várias vezes por semana	Várias vezes por dia	Em branco/ Nulo
a) Ler e-mails	10,64	24,87	22,01	21,90	17,67	2,90
b) Bater papo on-line (no MSN, por exemplo)	7,43	20,21	14,99	20,67	33,95	2,76
c) Ler notícias on-line	9,40	30,34	19,94	19,65	17,06	3,61
d) Usar um dicionário ou enciclopédia on-line (Wikipédia, por exemplo)	10,22	30,72	26,55	19,07	10,19	3,25
e) Procurar informações on-line sobre temas específicos	8,30	22,56	31,14	21,69	13,27	3,04
f) Participar de discussões e fóruns on-line	24,55	52,80	8,85	5,55	5,01	3,22
g) Procurar informações práticas on-line (por exemplo, horários, eventos, dicas, receitas, etc.)	10,95	34,57	23,87	15,95	11,81	2,85

Tabela 1: Tabulação de respostas do questionário do estudante, PISA 2009, sobre a frequência dedicada a atividades de leitura eletrônica

Embora o relatório não apresente os números indicados na tabela publicada pela *Folha de S. Paulo*, é facultado, por meio do *site* internacional do PISA, cruzar as respostas do

questionário aos resultados obtidos em leitura, matemática e ciências, procedimento que parece ter sido o adotado pelo jornal. A questão que diz respeito à leitura eletrônica procura recobrir diferentes possibilidades de atividade em meio virtual, não se restringindo a alternativas dicotômicas de respostas, com sim e não. No entanto, quando o jornal dispõe dados que relacionam as médias dos que mais e dos que menos leem *on-line*, não é claro o procedimento adotado para determinar esse grupo, ou seja, como as possibilidades de respostas foram cruzadas para determinar os 25% que mais leem.

O segundo parágrafo dá indícios para se pensar que, mesmo tendo o próprio discurso do PISA como notícia, há espaço para interferências e direcionamentos. Afirmar que a pesquisa não se refere “às fofocas no Facebook nem aos jogos na rede”, pode sugerir que o exame não tenha se ocupado do uso da internet para “bater papo on-line”, o que contradiz a atividade colocada em “b” na questão 25 do questionário do estudante. Tal atividade, inclusive, é a que tem o maior percentual de frequência. Da mesma forma, exclui-se uma possível relação entre os jogos *on-line* e atividades como a participação em fóruns, indicada em “f”. Portanto, mesmo que o PISA seja a fonte, isso não corresponde a um uso exato de seus dados.

Com base nos postulados de Jacqueline Authier-Revuz, o enunciado presente no primeiro parágrafo, apresentado como conclusão da avaliação, “a internet ajuda a melhorar o desempenho em leitura”, caracteriza-se como discurso direto livre, uma forma não marcada de heterogeneidade mostrada. Tal classificação não se liga à verificação da equivalência entre este e conteúdos presentes nos relatórios oficiais, mas à maneira como ele é inserido: após dois pontos, mas sem aspas, e como equivalente a “a conclusão”, presente no próximo período. Para Jacqueline Authier-Revuz, no discurso direto livre, “todos os dêiticos de pessoa, tempo e lugar são, como no DD os de e⁶.

⁶ “e” refere-se à situação de enunciação.

O que significa que se pode considerar o DDL como um DD sem introdutor e sem marca tipográfica” (1998, p. 160).

Aqui o discurso relatado está sendo tratado não apenas a partir dos modos pelos quais as palavras do outro são inseridas, mas tendo em conta a relação com a enunciação anterior tomada como base e as implicações de sua materialização. O emprego do discurso direto livre, por exemplo, possui um caráter ambíguo, pois em se assemelhando ao discurso direto, contém a ilusão de que o enunciado proferido foi exatamente aquele, mas não se compromete com essa possibilidade ao não delimitá-lo com aspas.

Conclusão

Por meio das análises realizadas procurou-se demonstrar que, ao tomar o próprio PISA como fonte para a construção dos textos jornalísticos, cria-se a ilusão de que as conclusões neles presentes retomam o conteúdo dos relatórios oficiais do exame. Entretanto, a nova enunciação, mesmo que se utilize de discurso relatado, constrói significados nem sempre localizáveis nos textos que indica serem suas fontes.

Ademais, observou-se também que prevalecem as fontes provenientes de instituições de ensino privadas, que frequentemente são inseridas para confirmarem ou exemplificarem as conclusões tidas como originárias do PISA. Há um silenciamento de vozes ligadas à universidades e escolas públicas, o que reforça o prestígio que o jornal atribui às instituições privadas.